

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

MARIA INÁCIA RODRIGUES DE MELO

**DEPRESSÃO: solidão e sofrimento no
individualismo pós-Moderno**

PATOS DE MINAS
2015

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

MARIA INÁCIA RODRIGUES DE MELO

**DEPRESSÃO: solidão e sofrimento no
individualismo pós-moderno**

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia. Para finalidade de obtenção do título de Bacharel em Psicologia, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Leonardo Carrijo Ferreira

PATOS DE MINAS
2015

Catologação na fonte – Biblioteca Central da Faculdade Patos de Minas

M528d Melo, Maria Inácia Rodrigues de
Depressão: solidão e sofrimento no individualismo pós-
moderno / Maria Inácia Rodrigues de Melo – Patos de Minas,
2015.
40f.

Artigo (Bacharel em Psicologia) – Faculdade Patos de Minas
FPM, 2015.

Orientação: Prof. Ms. Leonardo Carrijo Ferreira

1. Psicologia corporal 2. Reich 3. Análise bioenergética
4. Doenças emocionais I.Título

CDU: 616.89-008-454

FACULDADE DE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

MARIA INÁCIA RODRIGUES DE MELO

DEPRESSÃO: solidão e sofrimento no individualismo pós-moderno

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 27 de
Novembro de 2015.

Orientador: Prof. Me. Leonardo Carrijo Ferreira
Faculdade Patos de Minas

Examinador 1: Profa. Ma. Constance Rezende Bonvicini
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Prof. Me. Guilherme Bessas Ferreira Pereira
Faculdade Patos de Minas



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO, APRESENTADO^(a) POR MARIA INÁCIA RODRIGUES DE MELO COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL EM PSICOLOGIA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA.

Aos vinte e sete dias do mês de novembro de dois mil e quinze, reuniu-se, no AUDITORIO CENTRAL, a Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas, constituída pelos professores: PROF. ME. LEONARDO CARRIJO FERREIRA (Orientador^(a)), PROFA. MA. CONSTANCE REZENDE BONVICINI (Titular), PROF. ME. GUILHERME BESSAS FERREIRA PEREIRA (Titular), para examinar o^(a) graduando^(a) MARIA INÁCIA RODRIGUES DE MELO na prova de defesa de seu trabalho de conclusão de curso intitulado: **DEPRESSÃO: SOLIDÃO E SOFRIMENTO NO INDIVIDUALISMO PÓS-MODERNO**. O^(a) presidente da Comissão PROF. ME. LEONARDO CARRIJO FERREIRA, início os trabalhos às 20h30, solicitou ao graduando^(a) que apresentasse, resumidamente, os principais pontos de seu trabalho. Concluída a exposição, os examinadores arguíram alternadamente o^(a) graduando^(a) sobre diversos aspectos da pesquisa e do trabalho. Após a arguição, que terminou às 22h30, a Comissão reuniu-se para avaliar o desempenho do^(a) graduando^(a), tendo chegado aos seguintes resultados: PROF. ME. LEONARDO CARRIJO FERREIRA (aprovado), PROFA. MA. CONSTANCE REZENDE BONVICINI (aprovado), PROF. ME. GUILHERME BESSAS FERREIRA PEREIRA (aprovado). Em vistas deste resultado, o^(a) graduando^(a) MARIA INÁCIA RODRIGUES DE MELO foi considerado^(a) aprovado, fazendo jus ao título de BACHAREL em Psicologia, podendo assim gozar da profissão de Psicólogo, pelo Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas. Sendo verdade eu, Lúcia Helena dos Santos França, Secretária do Departamento de Graduação em Psicologia, confirma e lavra a presente ata, que assino juntamente com o Coordenador do Curso e os Membros da Banca Examinadora.

Patos de Minas, 27 de Novembro de 2015.

Novo título (sugerido pela banca): _____

Leonardo

PROF. ME. LEONARDO CARRIJO FERREIRA

Constance R. Bonvicini

PROFA. MA. CONSTANCE REZENDE BONVICINI

Guilherme Bessa F. Ferreira

PROF. ME. GUILHERME BESSAS FERREIRA PEREIRA

Gilmar Antonassi Junior

Prof. Me. Gilmar Antonassi Junior
Coordenador de Graduação em Psicologia

Lúcia Helena dos Santos França

Lúcia Helena dos Santos França
Secretaria do Departamento de Graduação em Psicologia

DEDICO este artigo aos profissionais da área da Psicologia, à instituição de ensino Faculdade Patos de Minas (FPM) e à população de forma geral, para que possam refletir sobre o assunto, acrescentar ao conhecimento daqueles que dele fizer uso e estimular mais trabalhos sobre essa temática.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir concluir este curso e pelo dom da vida.

À minha família, principalmente meus pais Sivone Rodrigues Militão e Eva Martins de Melo Mititão, meu irmão Paulo Henrique Rodrigues de Melo, e meus amigas(os) pelo apoio, energia positiva e orações que a mim destinaram, me encorajando para ter força e vencer a batalha.

Ao meu noivo Samuel Bonfim Fernandes que me ajudou e me deu total suporte na finalização deste trabalho, com muita paciência e me fazendo acreditar que isto fosse possível, mesmo diante das dificuldades.

Ao meu orientador Prof^o. Me. Leonardo Carrijo Ferreira que me aceitou de abraços abertos, caminhou junto comigo durante todo processo de produção deste trabalho, com todo carinho, atenção e esforço, mesmo em meio ao seu tempo restrito.

E ao corpo docente da instituição Faculdade Patos de Minas (FPM), pela paciência, incentivo, conselhos e dedicação profissional a mim direcionada e todo conhecimento e experiência passado.

Em nosso mundo de furiosa “individualização”, os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro...

Zygmunt Bauman

DEPRESSÃO: solidão e sofrimento no individualismo pós-moderno

DEPRESSION: solitude and suffering in post-modern individualism

Maria Inácia Rodrigues de Melo¹

Graduando do Curso de Psicologia. Faculdade Patos de Minas.

Leonardo Carrijo Ferreira²

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia - Docente do DPGPSI/FPM da Faculdade Patos de Minas.

RESUMO

A sociedade pós-moderna se caracteriza dentre outras coisas pelo individualismo, onde cada um busca a satisfação do Eu em detrimento do fortalecimento coletivo. De modo geral, esta nova forma de viver em grupo, valoriza aspectos materiais e a realização pessoal fica, quase sempre, em segundo plano. O ser humano pós-moderno é caracterizado como um ser solitário, individualista, que não busca compreender a si nem ao contexto em que vive, guiado pela competitividade, consumismo e pela liberdade. Esta realidade tem propiciado um grande aumento nos casos das doenças emocionais tais como a depressão. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo, analisar e conhecer os aspectos do individualismo pós-moderno, para que se possa afirmá-lo como possível gerador de depressão. A sociedade pós-moderna caracteriza-se como individualista e narcísica, com alto grau de exigência por um indivíduo autônomo, bem-sucedido e belo, o que gera uma cobrança por resultados que leva o indivíduo a enxergar o outro como um adversário. Cada um se vê como o centro do universo social em que não é mais necessário estabelecer vínculos, cada um se vê como autossuficiente. Muitas vezes pode ser fácil identificar os fatores causadores de depressão como a pressão no

¹ Orientanda

² Professor Orientador. Docente do DPGPSI/FPM

trabalho, a ausência de vínculos afetivos ou frustrações diversas, no entanto, pode-se observar que esses e diversos outros fatores causadores da depressão tem uma origem comum: A cultura do individual ao invés do coletivo. Este estudo constatou que o individualismo pós-moderno pode sim ser um gerador de depressão. Devido ao fato de que a sociedade atual, também dita globalizada está a todo tempo conectada a várias pessoas ao mesmo tempo, entretanto, se sente solitária.

Palavras-chave: Psicologia Corporal. Reich. Análise Bioenergética. Doenças emocionais.

ABSTRACT

The postmodern society is characterized among other things by the individualism where everyone seeks the satisfaction of the Itself instead of the strengthen of the collective. Overall, this new way of living in a group, value material aspects and, personal realization is almost always secondary. The postmodern human being is characterized as solitary and individualistic, that does not seek to understand themselves or the context in which they live, It is guided by competitiveness, consumerism and freedom. This reality has been responsible for large increase in cases of emotional disorders such as depression. In this context, this paper aims to analyze and know the aspects of postmodern individualism, so that one can affirm it as a possible depression generator. The postmodern society is characterized as individualistic and narcissistic, with high demand for an autonomous individual, successful and beautiful, which generates accountability for results which leads the individual to see the other as an adversary. Each one sees itself as the center of the social universe where it is not necessary to establish more links, each one sees itself as self-sufficient. It can often be easier to identify the causative factors of depression as work pressure, lack of emotional ties or several frustrations, however, it may be noted that these and many other factors causing depression have a common origin: The culture of individual rather than the collective. This study has found that post-modern individualism can be a depression generator. Due to the fact that today's society, also said global society is all the time connected to multiple people at the same time, however, it feels lonely.

Keywords: Corporal Psychology. Reich. Bioenergetics. Emotional Disease.

INTRODUÇÃO

A sociedade atual denominada, pós-moderna, por inúmeras áreas do saber – tais como a filosofia, a sociologia e a psicologia, vive de forma individualista.

Em aspectos gerais, esta nova forma de viver em grupo, valoriza aspectos materiais e a realização pessoal fica, quase sempre, em segundo plano. A conjuntura tecnológica, quando se observa o âmbito das relações, promove inúmeras maneiras de afastar o indivíduo do convívio social. Este tipo de sociedade, em que as mudanças ocorrem em uma velocidade assustadora, direciona, sem dúvida alguma, o indivíduo para uma real solidão. Este fenômeno psicológico, em que diante das inquietações, das confusões e do desânimo, que muitas vezes são situações das quais o indivíduo não está livre, podem gerar o adoecimento emocional. O sofrimento psicológico, devido ao isolamento, sobretudo a ansiedade e a depressão, passa ser uma ameaça real, uma condição humana (BAUMAN, 1998).

O laço humano se transformou em redes, o velho não serve mais, o novo é mais valorizado e aceito. Os indivíduos estão em constantes trocas objetivas, materiais, emocionais e relacionais, exigido do ser humano uma contínua troca de identidade, com uma exaustiva e contínua criação da mesma, não mais sendo algo que se herda (BAUMAN, 2001). Não se tem tempo de elaborar os eventos, traçar estratégias, planejar nem a curto prazo, não se tem um futuro de possibilidades, existe o aqui e agora porque não se sabe o e que está por vir ou a mudança do dia seguinte, não se tem tempo de pensar, refletir e processar informações enquanto seres humanos, que recebe uma informação, a codifica, decodifica e emite uma resposta pois, os indivíduos são quase que atropelados pelas informações. Conectados a várias pessoas ao mesmo tempo, mas como redes, comunidades, laços provisórios não planejados para o futuro, ficam os indivíduos presos ao passado e presente, fatos antigos, obrigações antigas e no presente tentamos recompensar, através do consumo desenfreado, deixando claro a ambivalência desta situação. O indivíduo vive em uma multidão e uma solidão ao mesmo tempo, busca efetivamente por dois essenciais aspectos para serem felizes são eles, a segurança e a liberdade (BAUMAN, 2001).

A sociedade pós-moderna engloba inúmeras denominações, tais como: sociedade da informação, das mídias, sociedade eletrônica. O seu funcionamento enfatiza as parafernalias tecnológicas da informação, este tipo de sociedade, traz no seu conjunto, aspectos que nos direcionam a compreender as novas formas de subjetividade do indivíduo, caracterizado, pós-moderno. Na dinâmica de sociabilidade, em toda a sua conjuntura, o homem é levado à solidão e,

ideologicamente, os dispositivos estruturais da condição pós-moderna iludem-no a acreditar na existência de interação social, mesmo que ela só ocorra de maneira virtual. Esta condição tem como características principais, o individualismo pleno, o egoísmo exacerbado e, indubitavelmente, destaca-se também o consumismo desvairado. A ética é fundamentada no hedonismo desenfreado, sendo o tempo e o espaço totalmente fragmentado (BARTH, 2007).

As interações sociais são, em sua maior parte, virtuais e ilusórias e, sem sombra de dúvida, não podem dar conta da necessidade, do homem, de se relacionar. A concepção da condição humana, segundo a qual a natureza humana só pode ser realizada no relacionamento, na interação e na participação com os outros. Ele procura a realização humana no estabelecimento e na manutenção de relações com os outros para ele o homem individual é inconcebível, porque não há natureza humana fora da sociedade, assim como na experiência mãe-bebê. Sendo a self (si mesmo) construída e desenvolvida a partir da interação, percepção ou avaliações refletidas e sentimentos experimentados com os outros (LAWRENCE; OLIVER, 2004).

O ser humano pós-moderno é caracterizado como um ser solitário, individualista, que não busca compreender a si nem ao contexto em que vive, guiado pela competitividade, consumismo e pela liberdade. Sendo que toda essa modernização e globalização gera também uma modificação no ambiente familiar, com múltiplos arranjos e na educação, causando inúmeras incertezas e olhares multidisciplinares para entender e atender as demandas que aparecem (AZAMBUJA; ALCANTARA, 2011). Em consequência disso, cria-se cada vez mais uma sociedade adoecida e uma das morbidades mais frequentes é a depressão. Segundo alguns estudos, a incidência de depressão na atualidade acomete cerca de 6% da população em geral. Estima-se que em 2020 ela será a segunda morbidade mais prevalente dentre todas outras enfermidades, ficando atrás somente das doenças coronarianas (GARCIA et al., 2000).

O adoecimento é um conjunto que caracteriza uma disfunção, não de única causalidade. O ser humano é uma unidade funcional psicossomática onde soma e psique que se inter-relacionam, são integrados, aquele possui couraças que inflexibiliza, restringe e torna o indivíduo resistente as elaborações e resoluções de conflitos internos , intervindo e modificando o equilíbrio dessa unidade funcional

desencadeando uma doença (BOADELLA, 1985). Todo processo de adoecimento é uma expressão deslocada de emoções bloqueadas, incluindo aqui o processo da depressão.

Freud (1917 apud SANTOS; TEIXEIRA, 2011) define a depressão como sendo melancolia que é uma reação patológica a perda, tendo como traços mentais, o desânimo a perda de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade e uma diminuição nos sentimentos de autoestima que passa a expressar-se em auto-recriminação, culpa e busca de autopunição.

As bases da depressão se estabelecem na infância a partir da relação com os pais, destacando a importância da relação mãe-bebê, em função da conexão corporal profunda que existe nessa díade, além disso, o contato inicial com o mundo passado pela mãe, os cuidados fornecidos a criança e a forma como ela se relaciona com o filho, pois é através da mãe que o bebê constrói a fé na vida e em si própria (LOWEN, 1983). Vale ressaltar que não são todas as pessoas que vivem nesse individualismo, que é dos aspectos da pós-modernidade, ou participam dele que vão desenvolver uma depressão, isso depende da forma como o indivíduo o vê e o encara. Há pessoas que o encara de forma negativa, como prejuízo para a sociedade, assim como há também pessoas que o veem de forma positiva, como algo que iria desenvolver e acrescentar a sociedade. Dessa forma, faz-se necessário aprofundar no tema para que assim, possa minimizar os sintomas da doença e controlar sua crescente epidemia. Para esse fato a Psicoterapia Reichiana vem se mostrando muito eficaz dentre vários fins outros.

A Psicoterapia Corporal Reichiana tem como objetivo flexibilizar as corações que quando muito resistente tendem a causar um desequilíbrio na unidade funcional e integrada podendo vir a desencadear uma doença, neste caso a depressão. As técnicas de desencouraçamento são implementadas por meio de foto-estimulação, respiração, *actings*, técnicas de manipulação, trabalhos de expressão sonora, entre outras (BOADELLA, 1985). A partir disso, acredita-se que a depressão passará a ser vista de forma mais sistemática e cautelosa pelas pessoas bem como os profissionais da saúde, pois muitas vezes esta é banalizada.

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo, analisar e conhecer os aspectos do individualismo pós-moderno, para que se possa afirmá-lo como possível gerador de depressão.

METODOLOGIA

Esse estudo foi realizado através de uma revisão da literatura, caracterizando-se de forma descritiva e qualitativa, sendo que para a coleta de dados, foram utilizados livros, artigos, dissertações, revistas, e base de dados (SCIELO e outros) de ensino superior no período de 1982 a 2015, escritos em língua portuguesa. Para a busca do material foram utilizadas as palavras-chave: depressão, individualismo, pós-modernidade e psicoterapia corporal.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

DEPRESSÃO

As perturbações depressivas vêm se mostrando um importante problema de saúde pública cada vez mais frequente em nosso cotidiano, com índices alarmantes, gerando um forte impacto socioeconômico, familiar e profissional; incapacitando cada vez mais pessoas que por elas são acometidas (SILVA; BARRETO, 1999).

Nos últimos anos as taxas de incidência da depressão cresceram desenfreadamente, promovendo mais pesquisas sobre o tema; que dão a devida importância sobre o estudo desta problemática. A taxa de expectativa de vida aumenta com o passar dos anos, apesar de o Brasil ser considerado um país jovem, a população está envelhecendo, correspondendo hoje a 12,6% da população brasileira, sendo esta uma população mais vulnerável a problemas de saúde do que

a população em geral, e conseqüentemente, a incidência de transtornos mentais também é mais alta, destacando os demenciais e depressivo. A depressão está no quinto lugar como problema de saúde mais frequente na população mundial, acometendo 120 milhões de pessoas, segundo a OMS (PINHO; CUSTÓDIO; MAKDISSE, 2009).

Julga-se que no Brasil em 2020 a depressão será a segunda maior causa de impacto social, abaixo somente das doenças do coração, dentre as enfermidades existentes, acometendo cerca de 6% da população geral (GARCIA et al., 2000). Andrade (1999) afirma que o número de acometidos por transtornos mentais nos países desenvolvidos cresce para 23%, o número de incapacitados é de 12% na população geral, causando pouco mais de 1% das mortes.

Pinho, Custódio e Makdisse (2009) apontam alguns fatores de risco à depressão, como por exemplo: fatores sociodemográficos (gênero, idade, situação conjugal, escolaridade, condição socioeconômica, condições de moradia); suporte social, eventos estressores, morbidades psiquiátricas (histórico psiquiátrico prévio e familiar comorbidades psiquiátricas, personalidade, abuso ou dependência do uso de álcool, distúrbios do sono, déficits cognitivos); condições de saúde (presença de doenças crônicas, limitação funcional e dor). Pessoas entre 20 e 40 anos estão mais predispostas à depressão; os fatores sociais afetam mais os jovens em contrapartida a predisposição biológica faz com que os a depressão aumente com a idade (LIMA, 1999). Tendo em vista a pluralidade de formas as quais depressão é definida ou entendida, dificultando a universalidade de seu conceito, posteriormente são apresentados alguns conceitos e formas pela qual é estudada.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001) e a American Psychiatric Association (APA, 2004) caracterizam a depressão como um conjunto de sintomas que inclui humor deprimido (tristeza, desesperança), perda de interesse e prazer por atividades anteriormente satisfatórias; irritabilidade, sensação de desânimo, significativa perda ou ganho de peso, insônia ou hipersonia, pensamento autodestrutivo, fadiga emocional diminuição da energia, baixa capacidade de concentração levando a uma importante falta de ânimo que interferindo significativamente na vida do indivíduo, gerando um prejuízo social, e profissional. De acordo com o DSM-IV-TR (APA, 2004), para ser caracterizado como depressão,

esse conjunto de sintomas deve estar presente por no mínimo duas semanas e causar prejuízos significativos na vida social e/ou ocupacional do indivíduo.

Depressão é o nome contemporâneo para os sofrimentos decorrentes da perda do lugar dos sujeitos junto à versão imaginária do Outro. O sofrimento decorrente de tais perdas de lugar, no âmbito da vida pública (ou, pelo menos coletiva), atinge todas as certezas imaginárias que sustentam o sentimento de ser (KEHL, 2009, p. 49). O sofrimento do depressivo é de ter renunciado ao seu desejo em favor do grande Outro. (VENERA; CERNICCHIARO, 2015, p. 5).

Para Lowen (1983), a depressão está relacionada com a perda da força interna do organismo em movimentar a carga energética de impulsos e sentimentos com fluxo constante, dos centros vitais para a periferia do corpo, nutrindo os músculos impulsionando-o a ação. No estado depressivo essa carga energética impulsora é reduzida tanto em quantidade de impulsos produzidos, quanto em intensidade dos mesmos, causando uma perda de sentimentos e falta de ação externa, incidindo em um colapso interno. O sujeito perde a capacidade da vontade, do comando, se sente esgotado e sem energia para manter suas atividades habituais.

Seubert (2011) traz a depressão, na visão da psicoterapia corporal como sendo uma fixação na estrutura de caráter oral, que é à base de defesa deste adoecimento. Lowen (1982) define caráter oral, como uma fase de estruturação da personalidade, a qual apresenta traços típicos da primeira infância, em que a criança é frágil, dependente e necessita de apoio, de cuidado, carinho, de ser atendida em suas necessidades primárias (amamentação, higiene, cuidados básicos). Esta fase é de suma importância, pois é nela que o bebê se desliga do útero para se apegar ao seio materno, ou seja, é a etapa da incorporação que ocorre logo após o nascimento, no primeiro contato mãe-bebê, onde ocorre a estruturação do eu (VOLPI; VOLPI, 2002). Etapa que ocorre do nascimento aos dezoito meses.

Em contrapartida, na falta destes cuidados, a criança se frustra e como consequência, ocorre à fixação neste nível de desenvolvimento, ou seja, quando há amamentação deficitária, um desmame precoce tardio, falta de disponibilidade da mãe, do pai e carinho, ou seja, uma oralidade reprimida pode ocasionar estresse e por consequência bloqueio e fixação nesta fase, desenvolvimento de biopatias como depressão, bulimia, bruxismo, etc. (VOLPI; VOLPI, 2002).

O indivíduo que é reprimido neuropsicoemocionalmente nesta fase desenvolverá o tipo de caráter oral (REICH, 2004), adquirindo características de carência, vazio interior, dependência, espera pelos outros, torna-se uma pessoa mais vulnerável a desenvolver uma depressão (VARONESE; VOLPI, 2010); pessoa esta que busca agradar tendo como meta a aprovação e aceitação, que se mostra submisso e destina aos outros, raiva por não conseguir sua expressividade (SEUBERT, 2011).

A pessoa de caráter oral sente-se incapaz de ficar sozinha, tem dificuldade de sustentar-se em seus próprios pés, tende a apoiar-se em alguém para se sentir independente e pode sustentar a ideia de que o mundo deve sustentá-lo. Manifesta, igualmente, alteração de humor, que varia entre depressão e euforia (LOWEN, 1982).

A depressão surge então quando o sujeito oral tem sua independência forçada o que para ele significa estar só. Na realidade ele não é capaz de ficar sozinho, há um grande temor em vista a uma separação (LOWEN, 1983). O medo se relaciona com a possível rejeição na infância ou do isolamento (SEUBERT, 2011). Nesta perspectiva, pode-se gerar uma couraça no indivíduo que por consequência poderá acarretar a depressão devido à carência de satisfação de suas necessidades emocionais, e assim a energia corporal deste indivíduo fica desordenada, predominando na superfície e na parte mais alta do corpo (OLIVEIRA, 2010).

A psicologia corporal entende o ser humano de acordo com etapas de seu desenvolvimento físico, emocional e psicológico, sendo que o modo como o indivíduo perpassa por estas etapas de desenvolvimento, será decisivo na formação de seus traços de caráter, isto nos três níveis (físico, emocional e psicológico). Estas etapas acontecem de duas formas marcantes que são determinantes para na vida do indivíduo, o desenvolvimento físico e o desenvolvimento emocional (SEUBERT; VOLPI, 2011).

O desenvolvimento emocional inter-relaciona com o que a Bioenergética defende como estruturas de caráter, podem ser subdivididas em cinco tipos de caráter: esquizoide, oral, psicopático, masoquista e rígido. Para Reich o caráter são as marcas devido à experiência, a expressão da personalidade (VOLPI ; VOLPI, 2003).

Caso o indivíduo percorra tais etapas sem que seus impulsos naturais sejam afetados ou sofram frustração, o sujeito conseguirá chegar à fase genital, denominada por Reich (1998), sem bloqueios energéticos e com capacidade de autorregulação. (VOLPI; VOLPI, 2002). Entretanto o que geralmente ocorre é o contrário, os impulsos energéticos são reprimidos e frustrados, devido à repressão de desejos inatos, uma educação moralista e repressiva, desencadeando bloqueios que, conseqüentemente, fixam a energia na fase em desenvolvimento a qual o indivíduo se encontra, em decorrência disso, posteriormente, será esta fixação de energia que definirá o caráter do sujeito. Assim, seu caráter será estabelecido de acordo com a fase a qual o sujeito sofreu frustrações e repressões, ou seja, onde ele fixou sua energia (VOLPI; VOLPI, 2002). Desta forma, o bloqueio de energia, em determinada fase, vai gerar um traço caracterial (OLIVEIRA; VOLPI, 2010). Tendo em vista, as definições e características da depressão de acordo com várias visões evidencia-se a importância de uma avaliação cautelosa para que se tenha o diagnóstico.

No diagnóstico da depressão, que é importante atentar-se para os sintomas psíquicos, fisiológicos e evidências comportamentais. Ainda segundo este autor, a depressão pode surgir dentre os mais diferentes quadros clínicos como demência, esquizofrenia, alcoolismo, transtorno de estresse pós-traumático, doenças clínicas, podendo ainda ocorrer em resposta a situações de estresse ou circunstâncias sociais e econômicas adversas. O autor ressalta, igualmente, que a depressão não provoca somente alterações de humor, mas também alterações cognitivas, psicomotoras e vegetativas - sono, apetite (DEL PORTO, 1999). Destaca-se também, a importância da avaliação do contexto do indivíduo está inserido, que o torna vulnerável a depressão.

De acordo com Britto (2003), o que torna o indivíduo frágil no processo de adoecimento, pode advir dos eventos ambientais tais como: perda de uma pessoa querida, nascimento de um filho, promoção no trabalho etc.; do repertório emocional-motivacional, que se refere a quanto mais estímulos positivos o indivíduo tiver em sua vida, mais facilmente enfrentará positivamente a estímulos negativos e vice e versa; do repertório sensório-motor, que ressalta a mesma perspectiva, todavia, se refere à habilidades sensoriais motoras e não à estímulos; do repertório linguístico-cognitivo, que diz respeito à autoliguagem em que a pessoa com família

desestruturada, má condições de trabalho, atividades recreativas e social insatisfeitas, terá dificuldades em se autoverbalizar positivamente de que seus sonhos serão realizados e por último, das disfunções neuroendócrinas, nas quais a deficiência de norepinefrina causa a depressão sendo está uma condição genética.

A condição de saúde, em se tratando de depressão, também é relevante, como as limitações funcionais que impedem o indivíduo de exercer seus papéis na vida diária; quanto mais graves as limitações, mais frequente a incidência de adoecimento psíquico. Em concomitância a esses fatores, pode-se observar os aspectos de personalidade e, da mesma forma, o apoio social, que são fatores de suma importância para determinar a forma como o indivíduo encara situações estressoras psicossociais (PINHO; CUSTÓDIO; MAKDISSE, 2009). Considerando a crescente demanda de atendimento e tratamento para casos de depressão, que acarreta estimulação de mais pesquisas sobre e tratamentos melhor desenvolvidos.

Sendo assim, os altos índices de depressão, em que a torna um dos 10 maiores causas incapacitação em todo o mundo; segundo estudos realizados por pesquisadores da Universidade de Harvard e da Organização Mundial da Saúde (SANTOS; SIQUEIRA, 2011); evidência a importância de mais estudos sobre o assunto para maior compreensão e prevenção desta problemática e para que se possa dar maior suporte aos acometidos.

INDIVIDUALISMO SOLIDÃO E SOFRIMENTO

A sociedade contemporânea é conhecida por ter característica individualista, isso porque a sociedade moderna foi fundada sobre o indivíduo. O indivíduo é o centro de onde tudo se irradia, esta sociedade valoriza o indivíduo como sujeito moral, independente e autônomo; da mesma forma, ela ignora ou subordina a totalidade social. Individualismo é um conceito político, moral e social que exprime a afirmação e a liberdade do indivíduo frente a um grupo, à sociedade e ao Estado. O Homem do renascimento passou a apoiar a competição e a desenvolver uma crença baseada em que o homem tudo poderia, desde que tivesse vontade, talento e capacidade de ação individual (CAVALCANTE, 2004).

Caracteriza-se, assim, uma sociedade voltada para a política hegemônica, que tem como identidade, a unificação e a globalização cultural. Sendo que, na modernidade, o indivíduo buscava autonomia e independência, na pós-modernidade, este indivíduo é considerado como “indivíduo-fora-do-mundo” ou renunciante, quer dizer, um indivíduo que busca um valor supremo em si próprio, que se distancia do mundo social, enquanto condição necessária para o desenvolvimento espiritual e individual. Além disso, este indivíduo busca singularidade, autorresponsabilidade e liberdade, ou seja, a independência. (JARDIM, 2005).

A modernidade traz consigo um grande investimento na autonomia do sujeito, que acaba por se tornar universal, ou seja, total, completo, absoluto e que se estende a tudo ou a todos; com aptidões para tudo e conhecimento de tudo. Cria-se, assim, uma pessoa com característica individualista, podendo fazer com que se depare com a solidão. A oferta do descartável, de tudo muito rápido, alimenta a solidão, desconsiderando a importância do outro no cotidiano do eu (PENNA; MOREIRA, 2010).

Kodato e Santos (2005), afirmam que a solidão e individualismo são características da vida em grupo na atualidade. A descrença no princípio civilizatório, ou seja, o espírito de coletivo afetou diretamente a ocupação do espaço público e a preocupação coletiva com o bem comum, colocando a vida grupal em processo de franca decadência.

De acordo com Vieira e Stengel (2010), a responsabilidade na Modernidade mostra que os indivíduos se atentam ao âmbito coletivo, em contraponto, na Pós-modernidade a preocupação é voltada para o bem-estar individual, denotando sentimento de indiferença para com a sociedade e quanto à noção de responsabilidade apresenta-se um caráter narcísico, destinada a saúde e qualidade de vida, em que o indivíduo gerencia sua própria vida. Em um sistema social pautado pela produção e consumo em massa, os sujeitos são colocados em uma posição de passividade, de meros espectadores, sendo que, ao contrário do que se pensa, a sociedade de consumo não valoriza exatamente o indivíduo, mas o que os falta como forma de fomentar o consumismo. Esta sociedade de consumo tem como base em suas argumentações, a promessa de satisfação aos desejos humanos, tão elevados como jamais outra sociedade pôde vislumbrar, entretanto,

esta promessa somente se mantém sedutora, pois os desejos ainda continuam insatisfeitos (BARBOSA, 2012).

No modelo cultural da modernidade industrial o caminho da autorrealização era fruto do esforço do trabalho e projetado no futuro. No novo modelo, além da predominância da satisfação imediata, a temporalidade é marcada por um presente infundável. Este novo padrão moral permitiria, portanto, um novo individualismo, o qual estaria associado a consequências negativas, como a fragmentação dos laços de solidariedade e fragilidade do laço social, que adquire um caráter superficial, dentre outros. Conjuntamente, a solidão própria da sociedade contemporânea faz com que o outro seja muitas vezes visto como inimigo. Diante disso, pode-se notar as consequências implícitas do hiperindividualismo, nas novas formas de gestão do trabalho; a qual força o sujeito no vazio do eu (NARDI, 2003).

Ao analisar a perspectiva neoliberal, compreende-se que o indivíduo deve depositar confiança em si mesmo e ter lealdade para consigo próprio, assim; o outro é visto como um obstáculo à realização pessoal do eu. Tornando-se um ser autossuficiente, o homem necessita minimamente do outro para se construir, e seus objetivos individuais tornam-se inconciliáveis, conflitantes aos objetivos comuns, isto no aspecto social; traz como consequência a fragilização das relações sociais, que adquirem um caráter superficial, fragilizando os laços sociais. Interagir com o outro perde o sentido quando o indivíduo se concebe como um “super-homem” (SENNET, 2009). Na Pós- modernidade, a construção da identidade é construída de modo permanente, pois a formação identitária possui uma condição frágil e provisória para os indivíduos pós-modernos. Os sujeitos precisam cultivar a arte de esquecer e memorizar constantemente, controlar e ao mesmo tempo esquecer acontecimentos, estímulos e pessoas, exigindo uma enorme capacidade de adaptação, dificultando a construção de uma identidade sólida (VIEIRA; STENGEL, 2012).

As artes e a literatura revelam a existência de homens mais solitários e indecisos em contrapartida com épocas que dominavam velhas tradições. Quando há uma descentralização dessas velhas tradições e uma proliferação de novas alternativas, cada vez mais o homem se vê obrigado a recorrer com maior frequência ao seu “foro íntimo”, aos seus sentimentos que nem sempre são compatíveis com o sentimento geral, aos seus critérios do que é certo e do que é errado sendo que na sociedade em crise há diversos critérios disponíveis, no

entanto incompatíveis. A perda de referências coletivas, como a religião, a “raça”, o povo, a família ou uma lei confiável, força o homem a construir referências internas, dando espaço para o surgimento da experiência da subjetividade privatizada: quem sou eu, como sinto, o que desejo, o que considero justo e adequado? Neste contexto, o sujeito nota ser capaz de tomar suas decisões e que é responsável por elas. Tem-se como consequência desta situação, o desenvolvimento da reflexão moral e do sentido de tragédia, pois ele se encontra em uma situação de conflito entre obrigações fortes, todavia, inconciliáveis (FIGUEIREDO; SANTI, 2008).

A experiência medieval fazia com que o homem se sentisse parte de uma ordem superior que o amparava e constrangia ao mesmo tempo. Por um lado à perda desse sentimento de comunhão com uma ordem superior traz uma grande sensação de liberdade e a possibilidade de uma abertura sem limites para o mundo, mas, por outro, deixa o homem perdido e inseguro: como escolher o que é certo e errado sem um ponto seguro de apoio? (FIGUEIREDO; SANTI, 2008, p. 28).

Por conseguinte, o que é de âmbito privado se sobressai ao que é público, o que leva ao esvaziamento do sujeito, posto que, o que passa a existir é o público enquanto instância para expressão do privado, significando, assim, a publicização do privado (SENNET, 2009). Segundo a percepção de Figueiredo e Santi (2008), a alta valorização da possibilidade de manter-se a privacidade é relacionada ao desejo de ser livres para decidir seu destino e a experiência da solidão, almejada ou temida, é também altamente expressa naquilo que acredita-se ser sua individualidade.

Garcia e Coutinho (2004) sugerem que a liberdade, ocupada nas relações sociais contemporâneas, cede lugar a uma nova versão individualista, marcada pelo mal-estar associado à errância, em que instaura uma figura de indivíduo errante, sem amarras e à deriva, entregue à própria sorte. Devido a esta errância contemporânea, inaugura uma nova modalidade de sofrimento psíquico, a qual leva o sujeito para uma situação de insegurança ou instabilidade identitária, objetivada pela imposição da busca de situações prazerosas constantes e sem restrições, em que as diversas manifestações deste sofrimento psíquico são experienciadas através de um desamparo perturbador.

Sendo assim, o indivíduo busca amparo e suporte no outro, para sua solidão, todavia, diante da impossibilidade de investimento no outro, o que lhe resta é refugiar-se no seu próprio eu (PASSOS, 2007).

DEPRESSÃO E INDIVIDUALISMO

A contemporaneidade criou um ser humano a histórico, abstrato, transposto do seu contexto de vida, ou seja, todas as referências ao seu mundo, às suas relações interpessoais, ao seu contexto de família, de trabalho, e do modo como lida com esse contexto são ignorados (BARBOSA, 2012). Momento histórico este, que intensifica a vulnerabilidade do ser humano para o adoecimento.

De acordo com Birman (1999), a psicopatologia da pós-modernidade caracteriza por um funcionamento psíquico de fracasso na realização, na globalização do Eu e na estetização da existência, ou seja, o fracasso em particular da cultura do narcisismo e do espetáculo, a qual valoriza demasiadamente a autoimagem, promovendo a exaltação e engrandecimento da mesma. O espetáculo apresenta-se como uma enorme positividade indiscutível e inacessível. Ele nada mais diz senão que “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que ele exige por princípio é esta aceitação passiva que na verdade, ele já obteve pela sua maneira de aparecer sem réplica, pelo seu monopólio da aparência (DEBORD, 1997).

Em consequência disso, acarreta a depressão, síndrome do pânico, dentro outros adoecimentos. Tudo isso, porque deprimido ou em pânico, o sujeito não mais está apto a exercer o fascínio da estetização da existência, portanto, passa a ser considerado um perdedor segundo os valores fundamentais do pós-moderno (BIRMAN, 1999). Surge, então, a droga, como solução viável e com seu uso sistemático, busca-se desesperadamente o acesso a majestade da cultura do espetáculo e ao mundo da performance. Há que se glorificar o Eu, mesmo que para tanto, os caminhos sejam os bioquímicos e os farmacológicos. O tratamento se resume em uma intervenção no corpo, para que o sujeito retome seu equilíbrio neurológico. O discurso médico não está mais voltado para cura, que estaria nas

causas, mas na regulação do mal-estar: apenas uma eliminação dos sintomas (PELEGRINI, 2003).

Segundo Birman (2012), os laços sociais se restringiriam então ao campo da imagem, de maneira que a cena social se reduziria à retórica ao discurso vazio do narcisismo. Seria a produção e a exaltação desenfreada das imagens de si mesmo para o prazer do outro, num campo sempre imantado pela sedução, sendo esta, a regra do jogo na estética performática do espetáculo. Debord explica que o espetáculo é uma forma de sociedade em que a vida real é pobre e fragmentária, e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real. O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens (DEBORD, 1997).

Por consequência, deseja-se um corpo performático, em que sempre algo precisa ser melhorado ou está faltoso diante do que idealizamos. Este corpo é considerado como o único bem supremo, nem o Deus, nem tampouco a alma ocupa mais este lugar de destaque. Devido ao fato de este bem supremo agregar-se ao corpo, a saúde se transformou no ideal supremo e aquele nunca está da forma como é idealizado ou tido como padrão; instala-se no sujeito um estado de estresse que advém do mal-estar permanente na contemporaneidade, que é o medo eminente de morrer, acarretado pela Síndrome de Pânico ou Síndrome da Fadiga Crônica. O olhar do outro ocupa então toda a cena psíquica do sujeito, como um intruso que o invade e perfura com suas exigências, diante das quais ele se sente impotente e sem os instrumentos capazes de responder aquelas demandas referidas anteriormente. Diante disso, o envelhecimento se transforma numa enfermidade, e a morte deve ser sempre exorcizada. Aposta-se em um ideal de juventude, beleza e longevidade (BIRMAM, 2012).

Conduz-se assim, a um ideal de saúde, no mínimo, difícil de ser alcançado, pelo motivo de se exigir um estado permanente de felicidade, disposição, produtividade, consumo e adequação ao padrão de beleza imposto, ou seja, um sujeito inteiramente realizado (BARBOSA, 2012).

Segundo Barbosa (2012), os apelos da mídia se direcionam de forma cada vez mais exacerbada à beleza, à perfeição e à saúde, as quais são buscadas por meio de consumo de diversos produtos. Em nossa sociedade, o corpo deve ser

belo, jovem e robusto, varonil. Na contemporaneidade, há uma tentativa de corrigir as marcas da passagem do tempo inscritas no corpo envelhecido. As técnicas são tentativas de camuflar/retardar ou evitar a dor causada pelo conhecimento da finitude. É este conhecimento que leva ao enaltecimento do corpo belo e robusto e a depreciação do corpo velho. A busca sempre incessante da juventude.

O outro mal-estar da contemporaneidade, de acordo com Birman (2012), está no registro da ação, em que o ser reflexivo pautado pelo registro do pensamento, se transforma em um ser impulsivo e performático, que quer agir, antes de qualquer coisa. Assim, se comina a hiperatividade, o sujeito pratica o ato frequentemente, sem objetivo da sua ação e nem sempre este sujeito sabe falar o motivo pelo qual o leva a agir. Algumas modalidades específicas de ação nas subjetividades contemporâneas são apresentadas na forma de explosividade, na qual, o indivíduo por não conseguir conter o excesso em seu interior, para assim simbolizá-lo e transformá-lo em uma ação específica e adequada. A partir da impossibilidade de controle da descarga de excitabilidade, este excesso se impõe como forma de manifestações emocionais incontrolláveis, que por sua vez, aparecem na forma de irritabilidade e explosão, que posteriormente geram a violência.

No caso da violência sem causa aparente ou gratuita, mesmo que seja banalizada ou que tenha um motivo de ser, o que preocupa é a disparidade entre motivo e a violência propriamente dita, como se está fosse à única possibilidade que o sujeito encontra para superar os obstáculos que se impõe ao longo da vida, bem como consequência disso, é a delinquência e ademais, a criminalidade (BIRMAN, 2012).

A sociedade pós-moderna caracteriza-se como individualista, narcísica e despotencializada, com alto grau de exigência por um indivíduo autônomo, bem-sucedido e belo. A autora defende que esta cultura atual produz e estimula a depressão, ou seja, associa a depressão ao individualismo, a falta de sentido e ao vazio que caracteriza a vida na sociedade pós-moderna (MOREIRA, 2002).

Para Birman (2012), o terceiro registro do mal-estar contemporâneo é o das intensidades, que é marcado pela incidência imediata do excesso, que se mostrar-se como afetação e expressa-se através dos sentimentos. É muito característica a variação de humor da exaltação a depressão, em que o mal-estar

circunscreve na forma pânico, violência, compulsão, depressão, distímia. Isso porque o excesso rompe e afasta com a regulação da vontade de experiências subjetivas, em que se encontram as intensidades e afetações; afetando as suas fronteiras levando o sujeito à experiência do excesso; provoca uma diminuição dos limiares de irrupção e de falta de controle da vontade, deixa assim, o sujeito à mercê da imposição do excesso. Como consequência, é apontado a despossessão de si que a princípio se apresentada na forma de distímia, uma modalidade de despossessão subjetiva em que o sujeito perde a posse de si mesmo, de si controlar e controlar suas ações e vontades, pelo fato de o sujeito não dar conta de suas constantes alterações de humor, que oscilam de múltiplas formas. Esta despossessão de si em seu nível mais perceptível e aparente (manifesto) caracterizaria a depressão (BIRMAN, 2012).

Além dos mal-estares inscritos no corpo, da ação e das intensidades, Birman (2012) evidencia também novas formas de subjetividades contemporâneas, nas quais nota-se o empobrecimento da linguagem e do pensamento. Em que a linguagem perde seu poder metafórico e simbólico, sendo afetada cada vez mais pelas imagens que direcionam sua essência para o corpo e a ação. Quanto ao pensamento Birman afirma que este paralisa, por sentir impotente e pelo vazio ocasionado no campo psíquico, tornando os sujeitos desprovidos de pensamento reflexivo. Tudo isso gera fragmentação dos laços sociais, a falta de unificação e simbolização, que deixa os indivíduos entregues a um jogo das intensidades e dos excessos. Na ausência de mediadores, reguladores e a falta de controle dessas intensidades, deixa o indivíduo à deriva dos excessos e estes, por sua vez, são descarregados no corpo ou na ação.

O excesso de estimulação as quais os indivíduos são submetidos à fragilização dos suportes simbólicos identitários acarretam uma experiência de intensa incerteza e imprevisibilidade, que na maioria das vezes são associadas à situação de fracasso e frustração. Estimulado a assumir total responsabilidade por sua vida, na falta de suportes tradicionais religiosos, institucionais ou mesmo familiares, que confrontado com a exigência do rendimento e do sucesso, o indivíduo entra em colapso. A consequência subjetiva desse estado de coisas apresenta-se sob a forma do desamparo. Pode-se definir desamparo como uma experiência intensa de estar à mercê, que parece assinalar os limites radicais com

que se depara o sujeito hoje frente a uma exacerbação do pulsional e uma supervalorização do outro. É ao tomar consciência de sua fragilidade para lidar com o excesso pulsional, sob forma de angústia que o ameaça, e do lugar de objeto de gozo que ocupa e para o qual é ao mesmo tempo atraído e horrorizado, que o sujeito se depara, então, com uma situação intensa de desamparo e adocece. Duas versões dessa dor psíquica parecem-nos excepcionalmente representativas do mal-estar contemporâneo: o pânico e a depressão (GARCIA; COUTINHO, 2004).

O modo como está organizada a sociedade é decisivo para a saúde mental de seus membros. O meio social oferece aos indivíduos modelos de estruturação e funcionamento da personalidade, e subjetividade dos mesmos é construída de acordo com tais modelos. Suas necessidades e ideais, entre outros, estarão apoiados nos moldes preexistente fornecidos pela cultura. Aqueles que não conseguem suprir a demanda dos ideais propostos pela cultura são marginalizados e considerados anormais e/ou patológicos (FROMN, 1979 apud CAMPAÚVA; SILVA JUNIOR, 2005).

Nesta sociedade denominada individualista os direitos humanos já não trazem inclusos, em seu construto normativo, o direito de aquisição a um emprego, ao cuidado e à consideração por mérito ao passado. As outras redes de segurança, como família e a vizinhança, também foram bastante enfraquecidas ou desintegradas. Os laços duradouros são quase inexistentes, as habilidades individuais e recursos inatos tendem a desaparecer diante das ferramentas tecnológicas produzidas e comercializadas, desagregando o sentimento de coletividade. Os laços são dissimulados, as identidades se tornam máscaras sucessivamente usadas e se perde a história de vida (BAUMAN, 1998).

De acordo com Bauman (1998), em vez de segurança, vive-se com a companhia constante de uma profunda ansiedade, que se faz tão mais presente quanto as tentativas de uma segura apreensão do real se intensificam. Disso resulta, que as nítidas divisões, a inflexibilidade e rigidez disciplinar, a solidez da estrutura da ordem moderna, em que as ações humanas podiam encontrar certezas e portos seguros, deslocam-se para a pós-moderna sensação flutuante de ser. A incerteza e a insegurança, que ocupam lugares cada vez mais centrais nos modos de vida contemporâneos, estão profundamente conectadas ao fato de que, hoje, a organização dos espaços e o controle da ordem – tanto no que se refere aos

problemas de ordem coletiva, quanto de ordem individual – estão passando por um crescente e intenso processo de desregulamentação e privatização. Tendo em vista, a busca da identificação pessoal por meio da obtenção de objetos materiais.

Numa sociedade de consumo, compartilhar a dependência de consumidor - a dependência universal das compras - é a condição 'sine qua non' de toda liberdade individual; acima de tudo da liberdade de ser diferente, de 'ter identidade'. (BAUMAN, 2001, p. 98).

Na obra de Bauman (2001), modernidade líquida, pode-se identificar, através da centralidade do consumo, um meio por onde opera uma objetivação e instrumentalização das relações sociais. O consumo se torna, na modernidade líquida, fonte principal de satisfação. Mas, além de fonte de satisfação, o consumo se torna o meio por onde os indivíduos se constroem como sujeitos. Através da condição que é a posse de determinados objetos de consumo, que uma identidade pode ser assumida ou não. A individualidade é, assim, condicional à posse de objetos específicos, ou seja, sujeita ao mundo dos objetos que podem ou não ser adquiridos e consumidos.

O mundo construído de objetos duráveis foi substituído pelo de produtos disponíveis projetados para imediata obsolescência. Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa. O horror da nova situação é que todo diligente trabalho de construção pode mostrar-se inútil; e o fascínio da nova situação, por outro lado, se acha no fato de não estar comprometida por experiências passadas, de nunca ser irrevogavelmente anulada, sempre 'mantendo as opções abertas'. (BAUMAN, 1998, p. 112-113).

O que acontece, no entanto, no caso das forças de mercado, é que elas estão em constante movimento e isso significa não fazer parte de nenhum lugar específico. Em função de sua mobilidade, novos pontos de convergência aparecem a todo o momento, assim como também são facilmente descartados. Não é de se estranhar que, com formas de ordenação que mudam muito depressa, a segurança que supostamente se tem diante de acontecimentos regulares, precisos e estáveis fica, senão completamente extinta, certamente enfraquecida, exatamente porque as forças de mercado dificilmente mantêm regularidades e porque trabalham com a escassez cada vez maior de regulamentos normativos. Disso resulta que, ao

"administrar" a ordem, as forças de mercado e a incomparável liberdade dada ao capital acabam por gerar inúmeras desordens responsáveis pela contínua sensação contemporânea de incerteza e desconfiança; alguns dos muitos mal-estares pós-modernos (BAUMAN, 1998). Além dos mal-estares já citados, pode-se notar também os aspectos negativos que a tecnologia tem trazido a sociedade em relação a interações sociais e a capacidade de criatividade do indivíduo.

A sociedade está vivenciando uma era digital, tecnológica e globalizada, em que a internet e o computador são peças-chaves para a comunicação. Isto trouxe a facilidade em obter produtos de diversos países, pesquisar sobre diferentes assuntos de qualquer lugar do mundo através de chats, redes sociais, blogs, e-mails e etc., favorecendo a informação e a comunicação através dos meios que a internet disponibiliza (GRAEML; VOLPI; GRAEML, 2004).

Além disso, a sociedade individualista tem como características, a estimulação de desejos infantis por meio da publicidade; o declínio da autoridade parental pela influência dos meios de comunicação de massa, da escola e dos discursos dos especialistas e a racionalização da vida interior (VIEIRA; STENGEL, 2012). Como consequência disto, as pessoas passam mais tempo em frente ao computador, inclusive as crianças, que procuram diversão e informação, levando-as a um isolamento social (GRAEML; VOLPI; GRAEML, 2004). Portanto, troca-se o convívio social pelo convívio virtual, diminuindo cada vez mais as interações sociais, que são de suma importância para a socialização do indivíduo, seu crescimento emocional e formação de seu caráter. É nessa convivência que o ser humano se descobre e se realiza enquanto ser moral e ético e coloca em prática a dinâmica do seu caráter. (GRAEML; VOLPI, 2004; GRAEML; VOLPI; GRAEML, 2004). Todo esse avanço tecnológico do mundo contemporâneo, em que há uma crescente expansão dos meios de comunicação, produz cada vez mais, seres humanos solitários (MOREIRA; CALLOU, 2006).

Segundo Bauman (2011), o advento da internet permitiu encobrir ou esquecer o vazio, e assim, diminuir seu efeito danoso, amenizando a dor gerada por este vazio. Todavia, a falta de companhia e do contato real, foram substituídas pelas telas eletrônicas, tentando reproduzir e suprir esta falta, mesmo que sempre de forma virtual, as pessoas descobriram um importante avanço, que é utilizado como forma de reduzir a solidão. Todos os aspectos da conexão virtual, que são

insuficientes para esta interação, foram vistos como vantajosos, por isso, os indivíduos esquecerão ou dificilmente aprenderão e desenvolverão habilidades de interação face a face com nítido empobrecimento do conteúdo social.

TRATAMENTO: como a psicologia pode contribuir?

Para isso, tanto a psicologia quanto as outras áreas que cuidam da saúde humana, utilizam de diversos métodos e técnicas com o intuito de promover bem-estar para esse indivíduo adoecido. Este estudo direcionado para os métodos especificamente da psicologia e dentre os métodos encontrados nesta área, buscou-se referência na Psicoterapia Corporal Reichiana.

O universo virtual invadiu lares e escolas, as mudanças que antes eram lentas quase imperceptíveis, hoje são excessivamente rápidas. Todo esse ligeiro processo de tecnologia e as arriscadas investidas da mídia colocam as crianças, adolescentes e a sociedade em geral diante de um mundo sem limites que contesta a toda e qualquer regra milenar. A nova geração não suporta o que é inquestionável e clamam para serem atendidos em suas necessidades e em seus anseios. Apresentam, já desde bem novos, sentimentos de desconfiança e perda da espontaneidade. As instituições (escola, família, estado), perante estes desconhecidos, defendem-se transferindo suas responsabilidades e a culpa gerada por todo esse processo (SABINO, 2002).

As crianças, desde bem pequenas, apresentam sinais de bloqueios energéticos e encorajamento, com isso, enfrentam frequente sentimentos de desconfiança e perda da espontaneidade. Sentem vergonha de brincar, de abraçar, de cantar, de gritar, enfim de fazer coisas de maneira intensa e espontânea, como se esperaria de qualquer criança. Reich oferece um instrumento de fundamental importância, como possibilidade de reverter esta situação preocupante: o princípio da Auto-Regulação (SABINO, 2002).

Autorregulação refere-se “as reações fisiológicas coordenadas que mantêm a maioria dos equilíbrios dinâmicos do corpo são tão complexas e tão peculiares aos organismos vivos que se sugeriu, para designar tais reações, o emprego de um termo específico: homeostase”. (DADOUN, 1991, p. 34).

Quando o indivíduo consegue evitar, em certa medida, as resistências e inibições neuróticas, incluindo as mais intensas sublimações morais, sofridas por causa das angústias sexuais, descobre uma maior capacidade para a autonomia e conseqüentemente para a realização de equilíbrios dinâmicos, flexíveis, ou seja, uma melhor autorregulação de sua vida diária, no trabalho, no amor, nas relações com os outros, entre outros (DADOUN, 1991).

A Psicoterapia Corporal dedica-se a estudar as manifestações comportamentais e energéticas da mente sobre o corpo e do corpo sobre a mente. (VOLPI; VOLPI, 2002, p. 8).

O estudo desta abordagem é voltado para o humano e busca compreensão do indivíduo como uma unidade de energia, que é composto por dois processos paralelos: o psiquismo que se refere à mente e a soma que se refere ao corpo. E tem como objetivo fazer com que o sujeito reestabeleça sua capacidade de regular a sua própria energia corporal e conseqüentemente, seus pensamentos e emoções, lhe dando a oportunidade de obter uma vida mais saudável (VOLPI; VOLPI, 2002).

Reich (1998) defende que na técnica de análise do caráter, o trabalho terapêutico deve ser baseado no ponto de vista topográfico, na qual o material inconsciente deve ser trazido para consciência; de forma dinâmica para que este material inconsciente seja passado para consciência de forma cautelosa e assim, sejam analisadas também as resistências; e por último com visão econômica e conhecimento da estrutura, pois na análise da resistência demanda uma estratégia única da forma a ser trabalhada, cada caso é único e as metas terapêuticas devem ser estabelecidas a partir do próprio caso.

DISCUSSÃO

A Psicoterapia Corporal tem como fundador o médico vienense e colaborador de Freud, Wilhelm Reich (1897-1957), que rompeu com a psicanálise e fundou sua própria escola, a qual defende a ideia de que pensamento e emoções são indissociáveis e influenciam-se reciprocamente (VOLPI; VOLPI, 2002).

Alexandre Lowen, seguidor de Reich desenvolveu a Análise Bioenergética com intuito que esta fosse, além de um método de terapia, uma teoria da personalidade. Segundo o ponto de vista energético o homem é visto como um todo, no qual mente e corpo interagem-se, por meio de processos energéticos, em que as emoções, quando não expressadas, ficam no corpo. Essa perspectiva defende que as crianças quando sentem que são ameaçadas ou que algo infligi sua segurança, ela na tentativa de manter sua integridade ou segurança, desenvolve defesas de caráter tanto psicológico, quanto físico. Quando adultas, elas projetam esses sentimentos ameaçadores, no meio em que vivem, sentimentos estes anteriormente reprimidos, por serem percebidos como algo perigoso, e/ou os percebem como forças vindas do universo (CARLINO, 2006).

De acordo com Lowen (1983), a depressão está ligada diretamente à fase oral do desenvolvimento psicoemocional, em que a criança não obteve suas necessidades satisfeitas durante este período. Assim, quando uma pessoa sofre privação desta fase, pode vir a desenvolver uma fixação nesse estágio do desenvolvimento e com isso manifestar atitudes de sempre demandar que suas necessidades sejam satisfeitas pelos os outros. No entanto, quando ela percebe que nada, nem ninguém irá preencher seu vazio, a depressão se instala a partir desta desilusão.

Para Dalmonechi (2003), o corpo, no caso de uma depressão, emite sinais relacionados ao caráter oral como: tensão nos músculos temporais, mandíbulas, boca, pescoço, músculos peitorais e cabeça; fraqueza e contração nas pernas, sendo que os joelhos podem travar-se os pés apresentar arcos caídos; todo o peso do corpo é sentido na coluna. A energia encontra-se rebaixada e a respiração reduzida. A sexualidade é usada como meio de contato e não para

descarga sexual. A depressão não é falta de energia é energia contida, dando origem ao que Reich (1995) define como couraça.

Pode-se descrever o processo de encouraçamento, ou de bloqueios musculares como o movimento ondulatório do fluxo energético, que se movimenta pelo eixo longitudinal do corpo, de cima para baixo e de baixo para cima, é interrompido por grupos de músculos que se ordenam ao longo desse eixo longitudinal, como anéis de uma armadura. Esta armadura é construída a partir das experiências da pessoa – daí a denominação couraças musculares que são sempre funcionais. Os anéis de músculos são unidades de função vegetativa, que servem para bloquear emoções específicas (JEBER, 2005).

Lowen (1982) destaca que o corpo expressa a forma como a pessoa se coloca na vida, como ela se relaciona consigo mesma, com os outros e com o ambiente à sua volta. O corpo é visto, por este autor, como um recipiente cheio de conteúdo, um corpo que reflete a sua história pessoal. Quanto mais o corpo se enrijece, na tentativa de evitar o sofrimento, menos flexível e espontâneo ele se torna.

O tratamento é realizado através do trabalho físico, que envolve a mobilização de sentimentos através da respiração, movimentos e som. O trabalho psicológico tem como objetivo o desenvolvimento da percepção do paciente de sua condição, seu significado e sua causa (DADOUN, 1991). Sendo assim, a terapia possibilita trabalhar e colocar o indivíduo em contato com nossas defesas caracterológicas, ou seja, os bloqueios musculares, e nosso caráter, no entanto, este é um processo contínuo de suavização de nossas defesas e couraças (CARLINO, 2006).

A terapia é necessária para que o paciente tome conhecimento de seu self reprimido e isolado, este fato consiste em trazer para consciência o que está inconsciente, integrando o paciente cada vez mais ao seu self e conseqüentemente ressignificá-lo. A Análise Bioenergética vê a mente, o corpo e o espírito como diferentes qualidades do self, portanto considera que um não possa existir independente dos outros (CARLINO, 2006).

Quando a armadura muscular é dissolvida, mesmo que temporariamente, na sessão terapêutica, há um livre fluir da energia e o corpo, a mente e o espírito sentem-se um com o universo. Isso regularmente ocorre depois de termos sido encorajados a encerrar nossos demônios, negatividades e resistências. (CARLINO, 2006, p. 11).

Como mencionado, existem métodos para lidar com as doenças emocionais e em especial a depressão, contudo, independente da abordagem, há uma concordância: a melhor solução é, como em qualquer doença, controlar as fontes causais e evitar o estabelecimento desta. No entanto, em se tratando de depressão, a maior dificuldade está no fado de a sociedade pós-moderna moldar-se por padrões comerciais, em busca de uma felicidade, que raramente é real. Pode-se pensar que o surgimento de novas tecnologias, que permitem aumentar o vínculo, mesmo que virtual, entre as pessoas, fazendo-os mais próximas, poderia torná-las mais felizes, no entanto, não é o que se observa. Apesar da grande quantidade de informações e produtos disponibilizados, com possibilidade de preencher o vazio deixado, principalmente pela deficiência de relações interpessoais e dos vínculos afetivos, tudo isso tem um custo e um prazo de validade, nenhum produto satisfaz por muito tempo, ou mesmo que satisfaça os meios de comunicação e o mercado têm grande capacidade de convencimento, fazendo-os crer que nunca será suficiente.

CONCLUSÃO

Há uma enorme cobrança por parte da sociedade, que dificulta a realização financeira, principalmente no que se refere à sobrevivência e satisfação; privilegiando as necessidades materiais – um consumo exacerbado – em detrimento dos valores morais e espirituais. O mercado de trabalho está cada vez mais saturado, deve-se ser o melhor naquilo que se faz, menos do que isto não é suficiente. Os pais sabem desta triste realidade, em conflito, educam seus filhos como máquinas, com a justificativa que devam ser alguém, devam acumular dinheiro e se que se tornem independentes. Não há tempo para as mães cuidarem de seus filhos, o tempo é coisa escassa neste contemporâneo. Os pais também devem

trabalhar, não sobrando quase tempo algum para a família, para as relações. As referências e os papéis definidos, dentro da família, não têm mais tanta importância como antigamente. A criança se vê então sozinha, isolada, tendo que conquistar sua independência o mais cedo possível. Os jogos e as brincadeiras, que antes envolviam duas ou mais crianças, hoje são substituídos por teclados e telas de computadores, fazendo com que estes infantes se tornem adultos, aos quais não percebem a necessidade de se viver em comunidade, não percebem que muitas vezes o estabelecimento de relações afetivas ajuda a preencher os vazios causados pela pressão crescente do trabalho, da faculdade, da escola ou em qualquer meio competitivo que a sociedade contemporânea lhes encerra. O tempo de ser criança se perde nos compromissos dos papéis assumidos.

O que se observa na sociedade contemporânea é que indivíduo, ao colocar-se como centro do universo social, se apodera da possibilidade de viver sem depender do outro, de uma independência a qualquer preço e ao mesmo tempo anseia por segurança, em um mundo de incertezas. A individualidade nunca foi tão permanente, contudo, as pessoas estão cada vez mais solitárias e isoladas. A questão da liberdade de escolha, que é bem maior hoje em dia, não pode ser deixada de lado. As pessoas têm mais possibilidades de escolha em sua vida, entretanto, como toda situação possui uma dialética, a questão da busca por si mesmo e o encontro com a felicidade, tornando-se cada vez mais difícil na sociedade pós-moderna.

Como mencionado anteriormente, há um aumento nos casos de depressão e é evidente que o individualismo apresenta uma relação direta com essa doença. Muitas vezes, é fácil identificar os fatores causadores de depressão como a pressão no trabalho, a ausência de vínculos afetivos ou frustrações diversas, no entanto, pode-se observar que esses e diversos outros fatores causadores da depressão tem uma origem comum: a cultura do individualismo sobressaindo à do coletivismo. O mais preocupante é que essa situação é um círculo vicioso, pois certamente cada geração irá criar os seus filhos da maneira como foi criada. A tendência é que se tenha cada vez menos tempo para se consumir com o social.

Este estudo constatou que o individualismo pós-moderno pode sim ser um gerador de depressão. Devido ao fato de que a sociedade atual, também dita globalizada, está a todo tempo conectada a várias pessoas ao mesmo tempo,

entretanto, se promove isolamento e solidão. Uma sociedade individualista e imediatista, que propaga que os indivíduos têm que buscar satisfação de seus desejos a qualquer custo e, o que se percebe, é a permanência da insatisfação, ao ver o outro como inimigo e que poderá dificultar sua satisfação imediata, e da mesma forma, não dispor da sua mesma maneira de pensar, limitando freneticamente, sua liberdade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. H. S. G. de Epidemiologia psiquiátrica. Novos desafios para o século XXI. **Revista USP**, São Paulo, n. 43, p. 84-89, set./nov. 1999.

APA (American Psychiatric Association). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais – DSM-IV-TR**. Porto Alegre: Artmed, 2004. (Publicado originalmente em 2000).

AZAMBUJA, R. M. M.; ALCANTARA, M. A. R. Possíveis causas do estresse na família contemporânea. **Domus On Line: Rev. Teor. pol. soc. e Cidad.**, Salvador, v. 8, p. 42-51, jan/dez. 2011.

BARBOSA, S. L. R. **A Experiência de depressão na Contemporaneidade: uma compreensão fenomenológica-existencial**. 2012. 160 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Sociedade e Qualidade de Vida) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

BARTH, W. L. O homem pós-moderno religião e ética. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 37, n. 155, p. 89-108, mar. 2007.

BAUMAN, Z. A criação e anulação dos estranhos. In: BAUMAN, Z. **O Mau-Estar da Pós-Modernidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, p. 27-48, 1998.

BAUMAN, Z. Sobre a verdade, a ficção e a incerteza. In: BAUMAN, Z. **O Mau-Estar da Pós-Modernidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, p. 142-159, 1998.

BAUMAN, Z. Individualidade. In: BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, p. 64-106, 2001.

BAUMAN, Z. Comunidade. In: BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, p. 193-230, 2001.

BIRMAN, J. O Espetáculo do narcisismo. In: BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 167-192, 1999.

BIRMAN, J. Subjetividades contemporâneas. In: BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 53-67, 2012.

BIRMAN, J. Corpo e excesso. In: BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 69-80, 2012.

BIRMAN, J. Ação e compulsão. In: BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 81-94, 2012.

BOADELLA, D. **Nos Caminhos de Reich**. 1. ed. São Paulo: Summus, 1985.

BRITTO, I. A. G. S. A depressão segundo o modelo do Behaviorismo Psicológico de Arthur Staats. In: SILVA, M. Z. et al. (Orgs). **Sobre Comportamento e Cognição: Clínica, pesquisa e aplicação**. p. 60-68, 2003.

CAMPAÚVA, L. G.; SILVA JUNIOR, M. C. Depressão e Neoliberalismo: constituição da saúde mental na atualidade. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 25, n. 4, p. 525-535, 2005.

CARLINO, L. A. Análise Bioenergética: uma terapia bem como um vibrante modo de vida. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, v. 7, p. 09-13, 2006.

CAVALCANTE, T. G.; Individualismo e cultura: uma abordagem de algumas perspectivas de estudo na antropologia do mundo contemporâneo. **Rev. Eletrônica de Ciências Sociais**, João Pessoa, v. 1, n. 7, p. 41-54, set. 2004.

DADOUN, R. Auto-Regulação. In: DADOUN, R. **Cem Flores para Wilhelm Reich**, 1. ed. São Paulo: Moraes, p. 34-42, 1991.

DALMONECHI, O. S. Leitura corporal, diagnóstico e clínica: Reflexões. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, v. 4, p. 76-85, 2003.

DEBORD, G. Separação consolidada. In: DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. São Paulo, Coletivo Periferia-eBook, p. 13-28, 2003.

DEL PORTO, J. A. Conceito e diagnóstico. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 21, supl. 1, p. 06-11, maio. 1999.

FIGUEIREDO, L. C. M.; SANTI, P. L. R. Precondições socioculturais para o aparecimento da psicologia como ciência no século XIX. **Psicologia: uma (nova) introdução**. 3. ed. São Paulo: EDUC, p. 19-52, 2008.

GARCIA, M. A. A. et al. A depressão em pacientes com câncer: uma revisão. **Rev. Ciênc. Med.**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 80-85, maio/ago. 2000.

GARCIA, C. A.; COUTINHO, L. G. Os novos rumos do individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo. **Psyquê**, São Paulo, ano. VIII, n. 13, p. 125-140, jan./jun. 2004.

GRAEML, K. S.; VOLPI, J. H.; GRAEML, A. R. O impacto do uso (excessivo) da internet no comportamento social das pessoas. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, v. 5, p. 120-126, 2004.

GRAEML, K. S.; VOLPI, J. H. A ética, a moral, os valores e o uso exagerado da internet. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, v. 6, p. 70-79, 2005.

JARDIM, G. A. S.; O individualismo na cultura moderna. **Rev. Eletrônica de Ciências Sociais**, João Pessoa, v. 1, n. 7, p. 23-31, set. 2005.

JEBER, L. J. Auto-regulação: um conceito para a educação da criança na família e na escola. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, v. 6, p. 53-57, 2005.

KODATO, S.; SANTOS, M. A. Processo grupal e crise da pós-modernidade: o que nos olha!. **Revista da SPAGESP**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 61-75, jul./dez. 2005.

LAWRENCE, A. P.; OLIVER, P. J. Teoria da personalidade: de observações cotidianas a teorias sistemáticas. In: LAWRENCE, A. P.; OLIVER, P. J. **Personalidade teoria e pesquisa**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, p. 21-40, 2004.

LIMA, M. S. de. Epidemiologia e impacto social. **Rev. Bras. Psiquiatr.** v. 21, s. 1, p.01-05, maio. 1999.

LOWEN, A. O prazer: uma orientação primária. In: LOWEN, A. **Bioenergética**. 3. ed. São Paulo: Summus, p.136-138, 1982.

LOWEN, A. A dinâmica energética da depressão. In: LOWEN, A. **O corpo em Depressão: as bases biológicas da fé e da realidade**. 3. ed. São Paulo: Summus, v. 19, p. 57-72, 1983.

LOWEN, A. Um caso de depressão. In: LOWEN, A. **O corpo em Depressão: as bases biológicas da fé e da realidade**. 3. ed. São Paulo: Summus, v. 19, p. 73-91, 1983.

MOREIRA, V. Psicologia Crítica. In: MOREIRA, V.; SLOAN, T. Personalidade ideologia e psicopatologia crítica. 1. ed. São Paulo: Escuta, p. 135-154, 2002.

MOREIRA, V.; CALLOU, V. Fenomenologia da solidão na depressão. **Mental**, Barbacena, v. 4, n. 7, p. 67-83, nov. 2006.

NARDI, H. C. A propriedade social como suporte da existência: a crise do individualismo moderno e os modos de subjetivação contemporâneos. **Psicologia & Sociedade**, Rio Grande do Sul, v. 15, n. 1, p. 37-56, jan./jun. 2003.

OLIVEIRA, M. B. **A depressão sob a ótica da psicoterapia corporal**. 2010. 48 f. Monografia (Especialização em Psicologia Corporal) – Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal, Curitiba, 2010.

PASSOS, M. C. A constituição dos laços na família em tempos de individualismo. **Mental**, Barbacena, ano. V, n. 9, p. 117-130, ago. 2007.

PELEGRINI, M. R. F. O abuso de medicamentos psicotrópicos na contemporaneidade. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 38-43, mar. 2003.

PENNA, P. S. V.; MOREIRA, J. O. O eu e o peso da solidão: uma leitura sobre o individualismo contemporâneo. **Latin American Journal of Fundamental Psychopathology** (on-line), v. 7, n. 2, p. 54-64, nov. 2010.

PINHO, M. X. ; CUSTÓDIO, O.; MAKDISSE.; M. Incidência de depressão e fatores associados em idosos residentes na comunidade: revisão de literatura. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 123-140, jan./maio. 2009.

REICH, W. Sobre a técnica de análise do caráter. In: REICH, W. **Análise do caráter**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 51-63, 1998.

REICH, W. **Análise do Caráter**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SABINO, S. Enquanto a auto-regulação não é possível. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Psicologia Corporal**. Curitiba: Centro Reichiano, v. 2, p. 22- 26, 2002.

SANTOS, E. G. S; SIQUEIRA, M. M. Prevalência dos transtornos mentais na população adulta brasileira: uma revisão sistemática de 1997 a 2009. **J. Bras. Psiquiatr.** Rio de Janeiro, v. 60, n. 3, 2011.

SANTOS, A. M.; TEIXEIRA, E. R. A depressão segundo Freud, Reich e Lowen: convergências e divergências. In: Encontro Paranense, Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais, XVI, XI, 2011. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, p. 07-17, 2011.

SENNET, R. Risco. In: SENNET, R. **A Corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, p. 89-115, 2009.

SENNET, R. O pronome perigoso. In: SENNET, R. **A Corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, p. 163-176, 2009.

SEUBERT, F. **A arte de tocar na cura da depressão, sob a perspectiva da psicologia corporal**. 2011. 33 f. Monografia (Especialização em Psicologia Corporal) - Curso de Especialização em Psicologia Corporal Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal, Curitiba, 2011.

VENERA, J. I.; CERNICCHIARO, A. C. A depressão como sintoma do mal-estar na contemporaneidade [Resenha de: KEHL, Maria Rita. O tempo e o cão. São Paulo: Boitempo, 2009]. **Crítica Cultural** – Critic, Palhoça, v. 10, n. 1, p. 161-168, jan./jun. 2015.

VERONESE, L. **A massagem como agente facilitador da expressão das emoções encorajadas**. 2010 38 f. Monografia (Especialização em Psicologia Corporal) – Curso de Especialização em Psicologia Corporal Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal, Curitiba, 2010.

VIEIRA, E. D.; STENGEL, M. Os nós do individualismo e da conjugalidade na Pós-Modernidade. **Aletheia**, Canoas, n. 32, p. 147-160, maio/ago. 2010.

VIEIRA, E. D.; STENGEL, M. Individualismo, liberdade e insegurança na Pós-modernidade. **ECOS**, Campos dos Goytacazes, v.2, n.2, p.345-357, 2012.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Crescer é uma aventura!** Desenvolvimento emocional segundo a psicoterapia corporal. 2. ed. Curitiba: Centro Reichiano, p. 111-143, 2002.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. O corpo, a história pessoal e o contato: instrumentos diagnósticos em análise bioenergética.

In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Reich: a Análise Bioenergética**: Curitiba: Centro Reichiano, p. 29-36, 2003.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. Bioenergética e Caráter. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Reich: a Análise Bioenergética**: Curitiba: Centro Reichiano, p. 37-40, 2003.

VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. Estruturas de caráter segundo a análise bioenergética.

In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. **Reich: a Análise Bioenergética**: Curitiba: Centro Reichiano, p. 41-55, 2003.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Autora Orientanda:

Nome completo: Maria Inácia Rodrigues de Melo

Endereço: Rua Costa Rica, 269 – Bairro Boa Vista – Cep: 38705-118

Telefone de contato: (34) 99254177 - (34) 91470189 - (34) 38239170

E-mail: mariainacia14@hotmail.com

Autor Orientador:

Nome completo: Leonardo Carrijo Ferreira

Endereço: Rua Vital José Carrijo, 572 - Bairro Lídice - Cep: 38400-080

Telefone: (34) 32345606 – (34) 99665-7140 – (34) 99322-0004

Email: p.i.i.h@hotmail.com

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Patos de Minas, 27 de novembro de 2015.

Maria Inácia Rodrigues de Melo

Leonardo Carrijo Ferreira